

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XIII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME II



COIMBRA / 1971

## O «arrátel folforinho»

Não são muito abundantes em português as abonações desta expressão, sendo por outro lado insuficientemente documentadas ou insatisfatórias as afirmações que, a respeito da palavra *folforinho*, têm sido feitas C<sup>1</sup>). É, porém, claro que uma investigação metódica nos conduz a seguras conclusões de ordem etimológica que englobam, como veremos e é natural, outras conclusões de mais amplo carácter.

\*

É de saber que, no mundo árabo-muçulmano, existia uma grande variedade de medidas conhecidas pelo nome de *ratl* ou *ritl* (2). Variava o seu valor consoante as localidades, consoante a época e consoante os artigos a pesar — tudo à boa maneira medieval. Assim, o *ratl* do emir Hassan b. Ahmad equivalia a 296,3434 gr i<sup>(3)</sup>, ao

*Nota*— Dificuldades da ordem tipográfica não permitiram indicar com o rigor desejável a enfática que aparece em *ratl*, *ritl*, *Tulaytula* e *tumatim*, bem como a consoante inicial de *tamān!*: tratando-se de palavras muito conhecidas, a concepção da deficiência estará ao alcance do leitor.

0) Para elaborar o presente trabalho (partimos de GAMA BARROS, *História da Administração...* (2.<sup>a</sup> ed.), vol. X, pp. 23-24, 90 le iss. e 377-378. Este autor, em pp. 90-91 (nota 3), rejeita a base latina *furfur* (farelo) em que pensou MENDO TRIGOSO (*Memórias económicas da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, 1815, t. V, p. 353). Mais recentemente COROMINAS, *DCELC*, vol. II, p. 555, pende para este étimo (*parece ser...*). Vieremos que a história da expressão nos facultava elementos mais que suficientes para afirmar que *folforinho* não tem relação com *furfur*.

(2) Esta palavra, que precedida da partícula articular, originou o português *arrátel*, é um helenismo do árabe : cfr. o gr. *litra* e o lat. *libra* (veja-se o excelente estudo de H. SAUVAIRE, *Numismatique et métrologie musulmanes*, no *Journal Asiatique*, 1884, 8.<sup>11</sup> série, t. IV, pp. 210-316).

(3) *Journal Asiatique* cit., p. 307.

passo que o *rati* de tijolos de Moçul, que correspondia a 60 *ratl-s* de Dagdaide, 'equivalia a 23835,600 gr.  $\dot{\iota}$ (<sup>4</sup>) ; o *rati* com que se pesava a pimenta e outras lespecialiaias, chamado *ratl fulfuli*, era mais pequeno que o *ratl* com que se pesava lenha; o *ratl* de carne equivalia, em Cairuão, a dez *ratl-s fulfuli-s* (<sup>5</sup>) e em Bagaia, povoação que ficava próxima, a vinte (<sup>6</sup>); na Península Ibérica, o *ratl* de carne equivalia a 9 e *ratl-s fulfuli-s* (<sup>7</sup>) ; mas também se dava o caso de o *ratl* ter sempre o mesmo padrão, fosse qual fosse a mercadoria cujo peso pretendia medir-se <(<sup>8</sup>). Considerados, pois, os elementos que chegaram até nós, é lícita a conclusão de que o *ratl fulfuli*, ao qual muito intencionalmente aludimos, era muitas vezes uma medida de peso com estalão menor, ou comparativamente menor, do que outras medidas ide peso correntes e também genericamente chamadas *ratl*. Por outro lado, se o *ratl fulfuli* (às vezes, *filfill*) foi corrente na  $\dot{\iota}$ Península Ibérica, é natural que em documentação propriamente portuguesa seja possível rastrear alguns vestígios seus.

Com efeito, num dos capítulos das cortes de Eivas de 1361, pede-se ao rei que autorize o uso de *arratees falforinhos* (<sup>9</sup>), pedido em que ele assente, exigindo todavia que os *falforinhos* (<sup>10</sup>) sejam do padrão dos de Santarém; em documento de 1382, referem-se

O<sup>1</sup>) *Ib.*, p. 307.

(<sup>2</sup>) EIXBEKRI, *Description de VAfrique septentrionale* (trad. de De Slane). Paris, 1965, p. 61 e cit. *J. Asiatique*, p. 315.

(<sup>3</sup>) *Description* cit., pp. 277-278 e cit. *J. Asiatique*, p. 316.

(<sup>7</sup>) *J. Asiatique* cit., p. 315.

(<sup>8</sup>) Em Nacur, cidade hoje extinta que tinha o seu *ubi* no litoral do Mediterrâneo em território hoje marroquino: *Descript.* cit., p. 183 e cit. p. 183 e cit. *J. Asiatique*, p. 220.

Ino muitas vezes mencionado *J. Asiatique*, p. 217 e iss., podem ler-se considerações a propósito desta variabilidade do *ratl*. É evidente que uma questão destas não pode resolver-se  $\dot{\iota}$ só com um critério apriorístico; mas é de aceitar que uma especiaria, mercadoria cara, não fosse pesada com o mesmo instrumental com que se pesariam tijolos ou lenha — um pouco como no nosso tempo a balança dum ourives contrasta notavelmente com a balança dum carvoeiro...

(<sup>9</sup>) *Alguns documentos... para a história das Cortes Gerais*. (Lisboa, 1828, p. 58.

(<sup>10</sup>) *Ib.*, p. 58: apenas esta segunda palavra da expressão.

também os *arratees que chamam ioliorinhos* <sup>(n)</sup> ; num documento «portuense» de 1483, constam *pesos ffolforinhos* <sup>(12)</sup>; finalmente, num documento de Elvas de 1548, vem também referido o *aratel folfurinho*<sup>(13)</sup>.

Da documentação alegada, em especial dos capítulos das Cortes de 1361, depreende-se que os *arráteis ioliorinhos* se empregavam em muitos concelhos do país; até no Porto, no final do século XV, se utilizavam os *pesos* ditos *ioliorinhos*—o que, pelo que depois diremos, nos importa reter.

Mas não é tudo. Na documentação literária, digamos, encontramos um belo exemplo, na chamada *Farsa do Hortelão*; ao protagonista, por sua pequenez irónicamente apelidado de *João Grande*, declara Henrique da Mota que parecia um *arratalinho ioliorinho*<sup>(14)</sup>. Exemplo duplamente prestadio: por um lado, certifica-nos mais uma vez do reduzido ou relativamente reduzido peso do *arrátel ioliorinho* <sup>(15)</sup> e, por outro lado, mostra-nos como que um primeiro degrau na passagem da expressão da sua qualidade de apelativa para a de onomástica <sup>(16)</sup>.

C<sup>(11)</sup> *Documentos para a historia da ddade de Lisboa: VI — Livro I de místicos. Livro II del r&i Dom Fernando*. Lisboa, 1949, p. 259.

(<sup>32</sup>) *Documentos e memórias para a história do Porto: V — Livro antigo de cartas e provisões*. Porto, p. 176, Magalhães Basto, que dirigiu e anotou o volume, adverte (p. 174) que o documento, tendo de facto aquela data, se encontra coipialdo no Livro de Vereações da Câmara do Porto relativo a 1484-1485.

(<sup>13</sup>) *Revista Lusitana* f vol. XI, p. 66. TOMAS PIRES, o benemérito editor do documento, conclui que o *arrátel ioliorinho* era uma medida de distância. Do contexto (*tanta distancia como huu home poode atirar cô huu aratel ioliurinho*) não pode inferir-se tal. Aliás, leia o documento na íntegra quem tiver alguma dúvida.

(<sup>14</sup>) *Cancioneiro Geral de Garcia de Rêsende* (ed. de Gonçalves Guimarães), vol. V, p. 214.

(<sup>15</sup>) Supomos que, entre nós e em definitivo, o *arrátel ioliorinho* era de estalão inferior ao *arrátel mourisco* cuja existência é muito mais bem conhecida e documentada.

(<sup>16</sup>) Na verdade, nomes de moedas <e medidas 'variadas surgem com muita frequência na onomástica a indicar io indivíduo pequeno (o *Pataco*, o *Meio Quilo*) ou o volumoso (o *Arrobas*): cfr. LEITE DE VASCONCELOS, *Antroponimia Portuguesa*, pp. 274-2\*75 e estudo nosso em *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. X, pp. 89-90.

Na sequência do nosso trabalho veremos que não se antroponimizou a expressão, mas apenas o epíteto *foliorinho*.

É que, na verdade, já um documento de 1285 menciona uma vinha nos arredores de Lisboa a qual fora propriedade de um indivíduo alcunhado de *Fulforinho* (17).

Depois de tudo, já não nos surpreenderá a existência da povoação *Foliorinho* (Gastelões de Recezinhos— Penafiel) : é mais um exemplar toponímico, produto da consabida mecânica de um apelativo entrar na onomástica pessoal, vindo na categoria de nome pessoal a fixar-se como nome local (18).

Escusado quase fazer notar que *fuiḡfull* é uma nisba de *lullul* 'pimenta'; o árabe do Ândalus conheceu *fulfal*, no século XIII (19) e *fuḡfel*, nos séculos XV-XVI (20).

Ora a evolução de *fulfull* para *foliorinho* pode antolhar-se como de explicação menos fácil. Realmente, as nisbas que se incorporaram no léxico português foram (para nos exprimirmos em termos não muito rigorosos) objecto de dois tratamentos (21) : '(a) paragoge de o átono (como *algarvio* < *al-ḡarbí*) e '(ò) paragoge de consoante, em geral nasal (como *celamim* < *tamánl*). Mas, a par com estas duas tendências, deve ter existido uma terceira tendência, mais rara em português, a qual se terá traduzido pelo acrescento de *-Inu-*; foi, aliás, a tendência dominante em italiano que diz *ḡarbino* (< ár. *ḡarbi*) (22) e que, uma vez pelo menos, podedocumen-

(17) É um instrumento de troca entre D. Dinás e o bispo de Évora onde se lê... *q vinea fuit de Futiorinho* (Gav. 11 — Miaço X — n.º 9 do A. N. da Tome do Tombo).

(18) A existência da povoação pode 'documentar-se, pelo menos, desde meados do século XVIII: em 1650, 1651 e 1665, *ioḡiorinho* (Arquivo Distrital do Porto: Secção do Registo Civil—freguesia de Castelões de Recezinhos, *Livro M-1*, fl. 43-v., 44-v. e 65 v. respectivamente) e, em 1689, *Foliorinho* ou talvez *Faliorinho* (Ribeiro de Meireles, *Prontuário*, p. 191: a lição é duvidosa^ mas uma variante com *ia*-> devida à influência de *l*, já a encontramos acima — justamente na abonação mais antiga do apelativo).

(19) SCHIAPARELLI, *Vocabulista in arabico*, Florença, 1871, p. 523.

(20) ALCALA, *Vocabulista arauigo*, s. vv. *pebre o pimiēta* e também *pebrada* (= *muiélie*, uma forma de participio).

(21) Sobre o assunto, veja-se A. STEIGER^ *Contribución*, p. 346, E NEUVONEN, *Los arabismos del español en el siglo XIII*, p. 295 e a nossa *Contribuição topo-antroponímica*, pp. 127-128.

(22) Do estudo de GIOVAN BATTISTA PELLEGRINI, *Uelemento arabo nelle lingue neolatiric* (em *L'Occidente e VIslam nelVAlto Medioevo*. Spoleto,

tar-se no espanhol, com o topónimo *Alaminos*, divergente e plural de *Alarrún* i( < ár. *al-fahml*) i<sup>(23)</sup> ; há que, entre o ár. *fulfull* e o port, *folforinho*, inserir sem relutância, o eflb (intermédio \* *fulfull nu-*

Diremos agora do que se nos afigura a respeito da origem de *fulful/filfil* que tem toido o (aspecto de palavra originariamente não-árabe.

Se recordarmos que a pimenta (*Piper nigrum* L.) é uma planta nativa da Índia e Indomalásia e que o seu nome latino *piper* foi tomado do grego *némpi* «qui lui-même provient de l'Orient» <sup>(24)</sup>, não resistiremos muito para aceitar como plausível que os árabes, que durante séculos detiveram um monopólio comercial que só no século XVI lhes foi arrebatado, tivessem adaptado à sua língua uma palavra oriental; existindo o sânscrito *pippali* 'grain de poivre' <sup>(25)</sup> que é uma forma da Índia oriental, algo distinta da forma da Índia ocidental em que aparecerá *r*, em vez de *l* <sup>(26)</sup>, é naturalíssima a ilação de que o latim e o grego tomaram a forma da Índia ocidental (com *r*) e o árabe tomou a forma da Índia oriental, ou seja, *pippali*.

Evidentemente a adopção da palavra ter-se-ia feito de acordo com determinados hábitos e recursos linguísticos: por um lado, a oclusiva bilabial surda da língua de origem foi substituída pela lábio-dental *f*, como é muito corrente (cfr. persa *pil* > ár. *fil*, grego *ἴριον* > ár. *funduq* «etc.». Este fenómeno foi acompanhado do que se tem chamado *étouffement expressif*, mediante o qual uma palavra trilitera se torna quadrilitera : é um processo encontrado em palavras não-árabes de origem (cfr. o antigo *Tulaytula* < *Toletu-*

1965, t. II, pp. 697-790) será fácil irespigar outros exemplos «do aludido tratamento típico «em italiano: cfr. pp. 721, 772-773, 778^780 e *passim*.

<sup>(23)</sup> STEIGER, *Contribución*, loc. cit.. Junte-se *morabetino* ( < ár. *murābhiti*), embora de história um tanto complexa (vid. COROMINAS, *DGELC*, vol. III, pp. 429-430 o G. DE DIEGO, *Diccion. Etimológico*, pp. 385 e 865).

<sup>(24)</sup> ERNOUT & MEILLET, *íDictionn. étym. de la langue latine* (3.<sup>a</sup> ed.), p. 902 ou BoiSACQ, *Dictionn. étym. de la langue gteqtie* (3.<sup>a</sup> ed.), p. 769.

<sup>(25)</sup> IDEM, *ib.*.

<sup>(26)</sup> IDEM, *ib.*.

e o moderno *tumãtim* < *tomate* <sup>(27)</sup>). Quer dizer: como consequência deste *étouffement expressif* a palavra toma muitas vezes o aspecto de uma palavra de raiz bilítera em redobro — havendo que, dadas as condições que oferecia a palavra de origem, *pippali*<sub>f</sub> inserir uma lingual antes da segundai labial. Se finalmente a harmonia vocálica, tão característica do árabe, levou a fixar uma forma *fíiil* que alternava com *iulful* (a qual parece ter sido mais corrente no Magrebe), é assaz curioso fazer notar que a acima alegada forma do século XIII do árabe da Península Ibérica era *fulfal* — ou seja, uma forma em que o vocalismo da sílaba final parece estar ainda muito estreitamente ligado ao da sílaba correspondente de *pippali* <sup>(28)</sup>.

\*

Resumindo: uma voz muito oriental, o sânscrito *pippali* ‘grão de pimenta’, foi por motivos de ordem comercial perfilhada pelo árabe, e afeiçoada com a forma *iulful* ou *filfil*; pelo vasto mundo árabo-muçulmano era com o *ratl fulfull* ou *ratl filfill* que se pesava a pimenta e outras especiarias; este *ratl fulfull*, cujo valor era inferior a outras variedades de *ratl*, foi praticado na Península Ibérica na época muçulmana; indubitavelmente o *arrátel folforinho* correu entre nós nos séculos XIV a XVI, assim como *folforinhos* foram conhecidos em regiões nossas bem setentrionais (Porto); uma vez ou outra, foi *folforinho* empregue como alcunha; como alcunha veio a fixar-se como nome de modesta povoação situada a norte do rio Douro: *Folforinho... meta viarum* de traíste que de longe pairtiu.

PEDRO CUNHA SERRA

<sup>(-7)</sup> *Tumãtim* é correntíssimo no árabe marroquino, onde entrou decerto por via espanhola.

<sup>(-8)</sup> *Vocabulista in arabico*, acima, nota <sup>(1D)</sup>.